

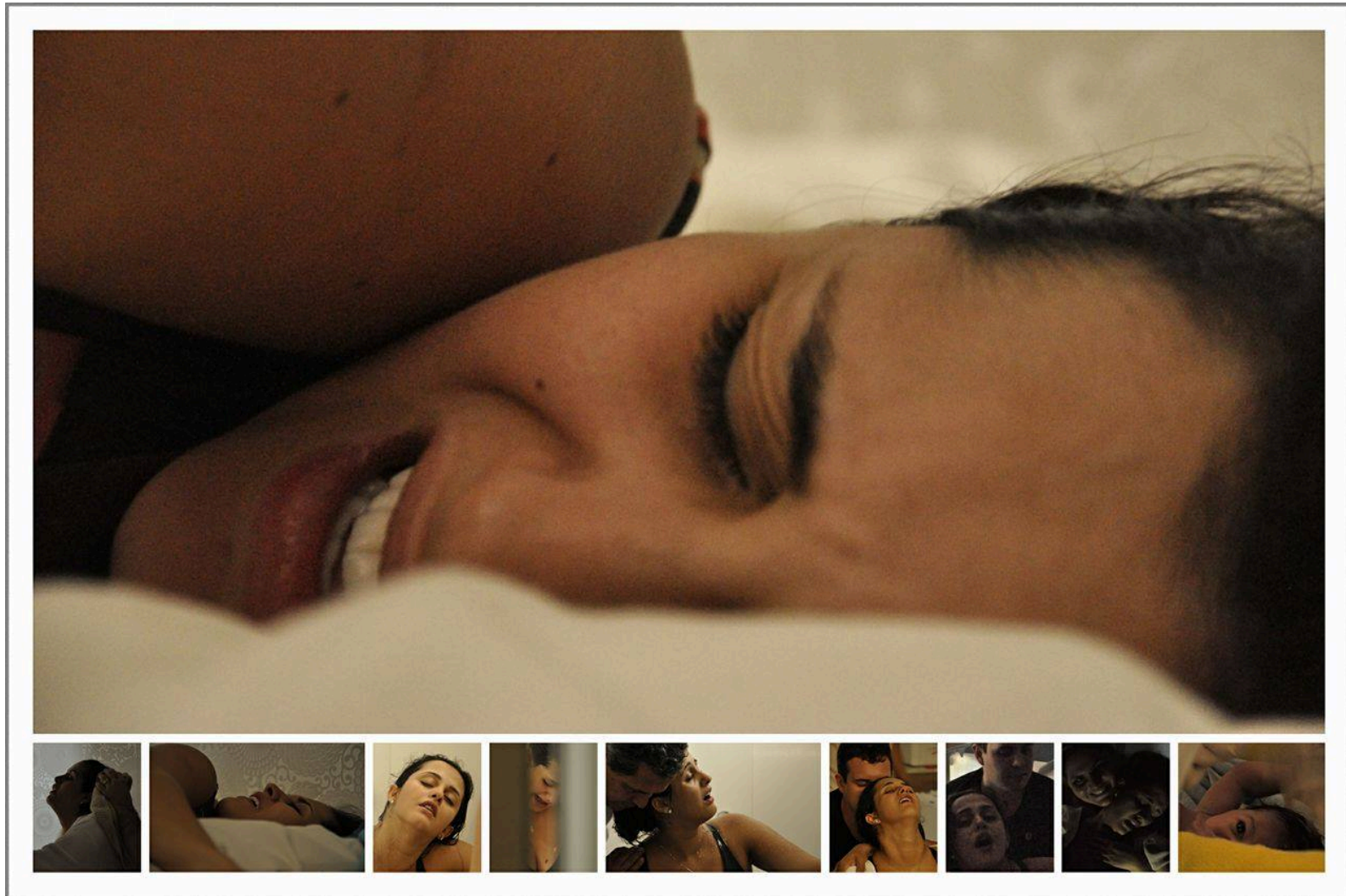
Dê seu amor todinho a ela (Natália), Série: Narrativas de Parto, 2015



Cantando para Beatriz e Fernando, Série: Parto e Êxtase, 2016



Despindo-se para Ulisses, Série: Parto e Êxtase, 2016



Me beija, meu amor, me beija (Fernanda), Série: Narrativas de Parto, 2015



Silêncio para Bento, Série: Parto e Êxtase, 2016

Este trabalho artístico nasceu da pesquisa teórica que realizei no doutorado em História, investigando imagens de parto nas Artes Visuais após a terceira onda feminista. Depois de parir duas crianças, e ainda envolta nas questões maternais, comecei a pesquisar artistas que tivessem tratado do parto em suas produções artísticas. Em meio a obras de arte bastante críticas sobre a maternidade resolvi me aventurar nos partos de outras mulheres e a partir destes registros pensar minha própria produção artística. É assim que nascem duas séries fotográficas: **“Narrativas de Parto” e “Parto e Êxtase”**. A imagem fotográfica é usada aqui também como instrumento de poder e convencimento, sua proximidade com as imagens da realidade faz com que um fragmento enquadrado e congelado do real ocupe o lugar da experiência e tome o status de verdade. Pois se é assim, uso aqui esta estratégia para assinalar algo possível, que foi cuidadosamente esquecido pela repressão sexual feminina, o prazer no parto. Êxtase e entrega de um corpo que sente dor e prazer intercalados em cada contração. Estas imagens buscam pensar a aproximação entre parto e sexualidade a partir do estranhamento entre a imagem e seu título, assim o trabalho se completa, tornando possível o afeto a partir do jogo entre imagem e texto.

Pergunto-me então, o que faz uma imagem nos remeter ao prazer? Ao buscar características semelhantes nestas imagens encontrei: rostos de mulheres que se encontram com a cabeça inclinada, olhos fechados, boca entre aberta. Acredito que tais características podem ter sido construídas como estereótipos do rosto de uma mulher em gozo, êxtase e prazer.



A primeira referência encontrada na história da arte foi o "*Êxtase de Santa Teresa*" (escultura realizada por Gian Lorenzo Bernini em 1644-47 na capela de Santa Maria della Vittoria, Roma). É curiosa a relação de tal imagem com as imagens apresentadas neste projeto também pelo estranhamento causado por uma Santa em êxtase, sabemos que o êxtase de Teresa é espiritual, mas aparece em seu corpo representado de maneira muito semelhante a um orgasmo. Bernini faz com que o prazer seja associado à pureza espiritual, bastante rara nas representações de Santos. Gombrich esclarece que a cena aqui representada pelo artista foi inspirada do livro da própria Teresa de Ávila onde, "*a santa relata um momento de êxtase celeste, quando um anjo do senhor trespassou-lhe o coração com uma candente flecha de ouro, enchendo-a de dor e, ao mesmo tempo, de incomensurável bem-aventurança*".¹

Nos trabalhos aqui apresentados vemos sobreposições de imagens de uma sequência de fotografias tiradas em frações de segundos, o que denota então um acontecimento, uma narrativa. Mas, as imagens são apresentadas de forma estática, fazendo com que tomemos a cena inteira como representante do todo. Para Vilém Flusser "*imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas*"², desta forma as imagens não eternizariam os eventos, mas os transformariam e substituiriam por cenas. É dessa forma que descrição da dor de Teresa é substituída pelo êxtase, assim como a imagem de um parto com dor pode ser substituída por sua uma de prazer. Diante de tal provocação pergunto se realmente aquilo que vemos é a verdade sobre a imagem, ou é uma cena, uma comprovação de que é possível enganar pela simulação.

Já no campo dos estudos sobre a sexualidade, Foucault³ esclarece que um dos dispositivos de poder a respeito do sexo seria a histerização do corpo da mulher, "*processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade*" (FOUCAULT, 1988, p. 115), este corpo com elevada potência sexual teve que ser contido e controlado, pela medicina, pela sociedade, pela família e pela maternidade. A maternidade seria uma das formas mais duradouras de conter o corpo feminino, pois a vida que ela produz deveria também garantir, por uma responsabilidade quase biológica, durante todo o período de educação da criança.

Talvez por este distanciamento entre a imagem da mãe e a imagem sexualizada da mulher, nos pareça hoje tão estranho, por exemplo, uma mulher se tornar mãe com prazer sexual, a ideia imposta sobre a imagem da mãe é a do sacrifício, da amorosidade, da paciência, em algumas vezes até da violência, mas raramente a do prazer.

Mostro aqui mulheres que descumprem a imagem da mãe verdadeira, doce e gentil. Revelo então uma mulher que ao se tornar mãe, ao parir, está em tal poder e liberdade com seu corpo que consegue ter prazer. Mas será que assim seria se seus desejos não houvessem sido reprimidos? Se o assunto não fosse velado provavelmente estas imagens não fariam sentido, elas só tem potência porque mostram algo que foi proibido, negado e silenciado.

¹ GOMBRICH, E. H. A História da Arte. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1993. (p.345)

² FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2002. (p.07)

³ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.